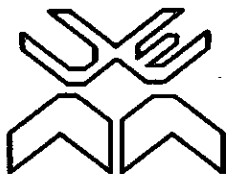


ATO. 39

2004



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Arqueologia e Antropologia

O IMPACTO SOCIAL DO TURISMO NAS COMUNIDADES- O CASO DO DISTRITO DE
INHASSORO, PROVÍNCIA DE INHAMBANE (2000-2002)

“DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM CUMPRIMENTO PARCIAL DOS REQUISITOS
EXIGIDOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA NA
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE”

SUPERVISOR: Dr. HÉLDER NHAMAZE
CO-SUPERVISOR DR. CRISTIANO MATSINHE
DISCENTE: PAULO MANUNGO MUBALA

U.E.M. - UFICS	
R. E.	4482
DATA	14 / 04 / 05
AQUISIÇÃO	oferta
ESTA	

OUTUBRO/2004

Declaração

Declaro que este trabalho de Fim do Curso nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos pelo apoio moral e alento que me dispensaram durante a formação, à minha esposa e aos meus filhos, Satrídia, Almeida, Danúbio e Yolanda, que ficaram privados do carinho do progenitor.

Agradecimentos

Apraz-me, primeiramente, agradecer o meu supervisor, Dr. Hélder Nhamaze, por ter acreditado no meu projecto e pelo apoio incomensurável que me dispensou particularmente na orientação teórico- metodológica, sem a qual não teria sido possível a elaboração deste trabalho;

Ao meu co-supervisor, Dr. Cristiano Matsinhe, pelos subsídios teóricos que me foi transmitindo e a disponibilidade demonstrada com vista ao melhoramento deste trabalho;

Aos docentes do curso de antropologia pelos ensinamentos que me foram transmitindo;

Ao Fundo Nacional do Turismo, pelo apoio financeiro que me disponibilizou sem o qual teria sido difícil realizar a pesquisa do campo;

Ao dr. Paul Dutton pelo apoio material;

Aos “matsuas”, concretamente “makhokas” de Inhassoro, pela calorosa recepção que me proporcionaram e a abertura que evidenciaram aquando da realização do trabalho de campo e, finalmente, a todos os que directa e/ou indirectamente tornaram possível esta pesquisa.

Resumo

O presente trabalho surge em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em antropologia na Universidade Eduardo Mondlane. Resumidamente, procura-se analisar o impacto social do turismo para a comunidade de Inhassoro, entre o período compreendido entre 2000 a 2002, tendo em conta as noções e percepções dos actores sociais nele envolvidos como factores determinantes da atractividade dos destinos dos turistas. A área geográfica deste estudo localiza-se a norte da província de Inhambane e tem como actividade económica preponderante a pesca, na zona da costa, e a agricultura na do interior.

A dissertação pretende fazer ainda uma integração entre os conceitos teóricos e os efeitos identificados decorrentes do turismo, quer sejam negativos como positivos mostrando a necessidade de se aprofundar mais o tema nos seus variados aspectos. É trazido à ribalta um actor social importante, que são os residentes locais, e neste âmbito a abordagem enfatiza as percepções da comunidade no concernente ao seu envolvimento no turismo e na preservação ambiental.

O trabalho abarca outros aspectos como as práticas da comunidade em relação ao turismo, o relacionamento entre os actores sociais intervenientes, a cooperação, os conflitos que surgem, o papel dos agentes locais, operadores turísticos e líderes comunitários e não à pertinência ou exequibilidade das políticas seguidas pelo Ministério do Turismo em relação a área.

Este estudo desenvolveu-se num contexto em que o turismo, salvo raras excepções, é (era) abordado e percebido duma forma depreciativa pela maior parte dos órgãos de comunicação social, especialmente os que não pertencem ao sector público, contrastando com o discurso oficial que o encara como uma das fontes importantes para o crescimento do país. Esta situação terá ditado, em 2000, a criação do MITUR e consequentemente a saída do Ministério do Comércio onde esteve integrado nos primeiros anos depois da independência.

Conforme as observações feitas, as ilações tiradas e o posicionamento assumido pelos intervenientes, são apresentados os tipos do turismo prevalentes em Inhassoro e as dimensões em que se pode analisar a actividade turística naquele ponto do país.

A investigação preliminar revelou-nos a necessidade de se aprofundar os estudos sobre o impacto social do turismo na comunidade de Inhassoro tendo em conta os conflitos que vão cristalizando entre os actores sociais intervenientes.

Lista de abreviaturas

APITs – Áreas Prioritárias de Investimento em Turismo

BIT- Balcão de Informação Turística

DDADR- Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural

DSEC- Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

MITUR- Ministério do Turismo

FNT- Fundo Nacional do Turismo

OIT- Organização Mundial do Turismo

ONU- Organização das Nações Unidas

INDICE

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimento.....	iii
Resumo.....	iv

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO I

1.1 Relevância do tema no Contexto de Antropologia.....	7
1.2 Apresentação da Problemática.....	7
1.3 Objectivos do Trabalho.....	9
1.4 Hipóteses.....	11
1.5 Justificativa.....	11
1.6 Metodologia.....	13
1.7 Revisão bibliográfica.....	15

CAPITULO II

Quadro Teórico e Conceptual.....	19
2.1 Turismo.....	19
2.2 Participação Comunitária.....	19
2.3 Percepções.....	19
2.4 Comunidade.....	19
2.5 Desenvolvimento Comunitário.....	19

CAPITULO III

Distrito de Inhassoro: Situação Geográfica e Caracterização Sócio-Económica.....	25
3.1 Aspectos Históricos.....	25
3.2 Caracterização.....	26
3.3 Clima, Relevo e Vegetação.....	27
3.4 Saúde.....	28
3.5 Educação.....	28
3.6 Comércio.....	28
3.7 Água.....	28
3.8 Conflitos de Terra.....	28
3.9 Turismo.....	30

CAPÍTULO IV

Resultados Preliminares da Pesquisa.....	33
4.1 Tipos de Turismo.....	38
4.2 Dimensões.....	39

CAPÍTULO V

Conclusões Preliminares.....	42
Bibliografia Consultada.....	44
Anexos	

Introdução

O turismo é uma prática antiga que surgiu no século XIV e que se notabilizou na segunda metade do século XX, como resultado dos progressos económicos e sociais operados a nível mundial os quais permitiram o acesso às viagens a muitas pessoas¹.

Desde o século XIV, quando começaram a aparecer os guias ou facilitadores de viagens que forneciam aos peregrinos indicações das regiões que tinham que atravessar, até à segunda metade do século passado, o anseio pelas viagens, o desejo de conhecer mais povos e estabelecer relações, ou as deslocações por razões religiosas, políticas, comerciais e por curiosidade, sempre constituíram uma preocupação constante nas pessoas. E essas motivações das viagens turísticas foram-se sofisticando tornando-se diferentes da época actual.

O progresso económico e social operado permitiu o acesso às viagens à generalidade das populações com a consequente implantação e desenvolvimento de uma vasta rede de equipamentos destinados a produzir bens e serviços para a satisfação das necessidades decorrentes dessas viagens.

Pelas razões religiosas, comerciais, políticas, da expansão territorial, bem como a forma que assumiram, as viagens foram adquirindo características diferentes da época actual até alcançarem aquilo a que se chama "idade da viagem", tal como se fala numa idade da agricultura, da indústria ou da electrónica.

Com efeito, à medida que o tempo vai passando, e de acordo com as características da evolução registada ao longo do tempo, o turismo vai conhecendo outra especificidade, incorporando outro tipo de elementos, o que faz com que sejam identificadas 3 épocas históricas de turismo, as quais não coincidem com as idades históricas do mesmo nome, designadamente, a Idade Clássica, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea.(Cunha; 1997: 61).

A Idade Clássica é o período que se estendeu desde os primórdios das primeiras civilizações até à primeira metade do século XVIII. Nesse período não é possível localizar no tempo o início das primeiras viagens mas atribui-se aos sumérios o mérito de terem criado as condições para o seu desenvolvimento. A eles se deve a invenção da moeda e o desenvolvimento do comércio, há cerca de 6000 anos, factores que deram origem a movimentação de pessoas até então desconhecida.

Com as posteriores invenções de escrita cuneiforme e da roda, foram criadas as primeiras condições que possibilitaram a realização das viagens não só para fins comerciais. A invenção da roda permitiu o desenvolvimento da carruagem puxada por bois ou onagros, que, por sua vez, necessitava de estradas para se deslocar com maior facilidade.

Os romanos e os gregos viajavam para visitar os templos e as maravilhas do mundo mediterrâneo em particular as pirâmides e os monumentos do Egipto, que ainda hoje constituem uma das grandes atracções turísticas do mundo.

Na antiguidade eram sobretudo os militares, os empregados públicos e as caravanas que viajavam mas o desenvolvimento que os romanos fizeram das estradas, a necessidade de visitar o império e os monumentos levaram a uma procura de alojamento e outros serviços que se podem considerar como primeiras manifestações turísticas.

O colapso do Império Romano do Ocidente em 476, provocou enormes dificuldades às viagens que se tornaram mais difíceis e mesmo perigosas deixando de estarem associadas ao prazer.

Esta idade do turismo, que prolonga-se até ao século XVIII, caracteriza-se pelo facto de as viagens serem individuais e se realizarem predominantemente por necessidades como o comércio, as peregrinações religiosas, a saúde ou por razões políticas e de estudo. (Cunha; 1997:64).

¹ Heródoto, o chamado pai de história é o primeiro grande escritor de viagens e também um dos primeiros

Na Idade Moderna, a que abrange o período que se estende desde a antiguidade até a Idade Média, as formas de viagens conservaram as mesmas características e traços, daí que não se distinguiam claramente as duas épocas mas a partir do século XVIII, assistiu-se a mudanças significativas tanto em termos tecnológicos como nos aspectos económicos, sociais e culturais, que introduziram igualmente alterações nas viagens.

Nas camadas sociais de menores recursos popularizaram-se as viagens de recreio como forma de aumentar conhecimento, procurar novos encontros e trocar experiência, o que aliado às invenções de máquina a vapor, ao aparecimento de ideias de livre troca no comércio internacional, e aos primeiros passos da Revolução Industrial, favoreceram a abertura do mundo ao cosmopolitismo. Nesse mesmo período, a OIT, estabeleceu o princípio de férias pagas, o qual foi posteriormente reconhecido pela Declaração Universal de Direitos do Homem e, em 1936, uma lei datada de 20 de Junho, instituiu, em França, o sistema de férias pagas, acontecimento que mudou profundamente o futuro do turismo. A procura de diversão e descanso e as viagens culturais começaram a ganhar mais espaço.(Cunha, 1997:74)

O turismo inicia neste período a sua expansão mundial, caracterizando-se pela procura de diversão e descanso e pelas viagens culturais. Acelera-se o desenvolvimento dos transportes modernos com o lançamento de redes internacionais de caminhos de ferro, de barco e a criação de primeiras companhias aéreas. Surgem as primeiras organizações nacionais e internacionais de turismo, das quais se destaca a Federação Franco-Hispano- Portuguesa de Sindicatos de Iniciativa e Propaganda, primeira organização de turismo e que está na origem da actual Organização Mundial de Turismo depois de se ter transformado na União Internacional dos Organismos Oficiais de turismo.

Na Idade Contemporânea, a que se estende desde o século XVIII até aos dias actuais, assiste-se a mudanças significativas porque enquanto aumenta o número de pessoas que viaja, aumentam, também, as possibilidades que lhes são fornecidas para o fazer como resultado da generalização de educação, do efeito dos meios de comunicação social ou das

viajantes.

experiências realizadas por amigos e parentes. Com esses factores as atitudes perante as viagens tornam-se cada vez mais favoráveis e surgem novas preferências como visitas a centros histórico- culturais e o interesse pelos produtos ligados aos cuidados físicos e mentais.

Deve-se referir que, se até às décadas de 60 e 70 predominava a influência dos 3 s (sun, sea e sand), o correspondente a sol, mar e areia, que determinavam o carácter de muitos destinos turísticos, presentemente os 3 s estão a ser substituídos pelos 3 l (lore, landscape e leisure), ou seja, as tradições, as paisagens e o repouso.

Quanto ao turismo internacional, aquele que reúne o turismo de saída e o de entrada, embora tenha começado a ter um impacto significativo a partir dos anos 50, foi somente nos anos 60 que conheceu um crescimento contínuo até se tornar, nos dias que correm, num processo irreversível.

De acordo com o manual da actual política nacional do turismo, a contribuição deste tipo do turismo em particular, e do turismo em geral, é significativa para as economias e de acordo com dados oficiais, essa indústria contribuiu, em 2001 com cerca de 4.2% para a formação do PIB da economia mundial economicamente activa, empregou mais de 8.2 % da população mundial economicamente activa, para além de funcionar como catalisadora do crescimento dos transportes aéreos, terrestres, marítimos e fluviais.

Não obstante esses ganhos e outros benefícios directos e indirectos, entre eles, a promoção de emprego, melhoramento de vias de acesso e transportes, sustentabilidade das áreas protegidas, redução das tensões e desequilíbrios psicológicos e criação de pequenos negócios, o turismo também traz impactos negativos. Dentre eles destacam-se impactos sociais e ambientais, como mudanças no estilo de vida resultantes da migração pelo trabalho; aumento de taxas de criminalidade; problemas de tráfego; redução da produção agrícola; destruição do equilíbrio do ambiente e ressentimentos face a complexos de inferioridade entre os grupos como resultado de contrastes desfavoráveis com os visitantes estrangeiros e modificações culturais dos habitantes.

É neste contexto (multifacetado) que, de alguma forma, pretendemos estudar, neste trabalho, o impacto social do turismo dando primazia a um actor social importante que é a comunidade local à luz das suas percepções que podem influenciar as práticas sobre este mesmo objecto. Não descuraremos o papel assumido quer pelos operadores turísticos, como pelos próprios turistas tendo sempre imanente a contribuição desta actividade como um dos sectores importantes para a criação de múltiplas formas de riqueza e melhoramento do bem estar dos cidadãos, destacando a criação de emprego, promoção de investimento e inovação, desenvolvimento de infra estruturas e recuperação do património histórico-cultural.

Serão analisadas algumas questões relativas ao envolvimento da comunidade em aspectos ligados ao turismo, como a conservação do meio ambiente ou praias, os efeitos, quer positivos como negativos decorrentes da actividade, os conflitos que emergem, o papel das autoridades locais perante essas desinteligências e o relacionamento entre os actores sociais intervenientes.

Segundo Baptista (1997: 85), com o turismo *"há transformação no processo das ligações sociais, na diminuição das relações de vizinhança, na intensificação dos contactos sociais de carácter impessoal, nos processos de profissionalização do trabalho feminino, na formação social dos indivíduos e dos grupos"*.

Relativamente ao nosso país, o turismo está numa fase gradual de crescimento tendo sido definidas 17 áreas de investimento, as chamadas APITs, das quais 6 são a longo prazo, 3 a médio e 8 a curto, donde faz parte a zona de Bazaruto². Consubstancia esta ideia o facto de, o Governo de Moçambique ter aprovado, em 1999, as Estratégias de Desenvolvimento Regional do Turismo e o relatório da OMT, instrumentos que forneceram elementos para a elaboração do que viria a ser a política nacional do turismo.

² O Arquipélago de Bazaruto é constituído por 4 ilhas, nomeadamente, Benguerra, Magaruque, Santa Carolina e Bazaruto

No tempo colonial, sobretudo a partir de 1973 com a introdução do Plano de Acção Governativa, deu-se ênfase ao melhoramento de zonas consideradas turísticas sob aspecto de maior rentabilidade; assistência técnica ao planeamento de empreendimentos de interesse turístico; formação de pessoal necessário à indústria turística, concessão de créditos à hotelaria e outros empreendimentos turísticos; revisão dos benefícios fiscais previstos para o sector e fomento do turismo interno.

No ano seguinte, 1974, entrou em vigor o quarto Plano de Fomento que incidia, no âmbito do turismo, em 3 tipos de investimentos, designadamente, estudo e elaboração de planos directores de acção para zonas prioritárias de desenvolvimento turístico; execução e aproveitamento dos pólos seleccionados³ e melhoramento de acessos e infra estruturas urbanas.

As chegadas de visitantes totalizaram, em 2001, aproximadamente 400.000 e esse dado demonstra um aproveitamento ainda fraco quando comparado com os dados registados nos países da região. Presentemente, apesar de a força da base do produto turístico se encontrar em todo o país, a indústria turística concentra-se na cidade de Maputo, onde a chegada de visitantes constitui cerca de 60% do mercado, sendo que os restantes 40% se distribuem pelas restantes províncias. Mesmo assim existem oportunidades para o crescimento e as projecções da OMT apontam que a região vai atrair 36 milhões de turistas até 2020.

No que diz respeito a Inhassoro, local onde se desenvolveu a pesquisa, o impacto do turismo é notável como resultado das repercussões que ele acarreta especificamente quando avaliado sob a óptica dos efeitos sociais causados. Ademais, com o turismo há encontro de culturas diferentes o que propicia a emergência de novas formas de relacionamento e novas dinâmicas sociais, conhecido o seu efeito urbanizador em que as aldeias são transformadas em pequenos pólos e estes em cidade.

³ Os pólos de atracção turística eram Lourenço Marques (actual Maputo), Beira e Ilha de Moçambique

CAPITULO-I

Neste capítulo apresentamos vários aspectos que nos vão ajudar, entre outras coisas, a responder aos problemas da pesquisa e a alcançar os objectivos deste trabalho.

1.1 Relevância do tema no contexto da antropologia

Sendo os homens seres sociais as suas acções desdobram-se em práticas materiais e simbólicas, em relações com a natureza e com outros homens no contexto de grupos e famílias, criando através dessas práticas, realidades materiais e modos de conduta que se reproduzem. Essas práticas podem ser interpretadas à luz das ciências sociais, duma forma geral, e da antropologia, em particular, uma vez procurarem conhecer a realidade através da construção de um saber.

Como sustenta Geertz (1989), a antropologia debruça-se sobre o estudo das relações sociais que se estabelecem em locais microscópicas ou em contextos sociais pequenos. No caso vertente do estudo do turismo, esta actividade tem permitido a cristalização de relacionamentos sociais entre os actores sociais intervenientes, relações essas algumas marginais, e outras duradoiras mas passíveis de serem analisadas. O turismo passa assim a ser objecto de estudo para a antropologia, na perspectiva de se poder compreender e interpretar melhor os diversos aspectos a ele associados, concretamente, económicos, sociais, meio ambiente e culturais.

Os debates que têm existido sobre o turismo inserem-se no âmbito de relações sociais que se estabelecem entre os turistas, comunidade local e operadores turísticos no concernente àquilo que tem sido a mudança em termos de práticas e efeitos da actividade. Essas percepções sobre o turismo, as práticas dos actores intervenientes e as representações fazem parte deste quadro discursivo. As mesmas ideias consubstanciam a tese defendida por Cumbe (2004:7), citando Foucault, de que *“existem certas condições para o surgimento de uma formação discursiva sobre um determinado objecto através das relações estabelecidas*

entre instituições, processos económicos e sociais, forma de comportamentos, sistemas de normas, técnicos, tipos de classificado e modos de caracterização”.

Outra fonte de discursos sobre o turismo é a reportada pela comunicação social, com mais incidência para os chamados órgãos independentes, através de reportagens, análises, entrevistas a segmentos da sociedade, profissionais do sector e outros, o que acaba legitimando a premência da discussão do objecto em referência.

Depois de o turismo ter sido visto com mais incidência, a partir de 1975, ano em que o país alcançou a independência nacional, como uma frente que favorecia à satisfação dos *“caprichos da burguesia colonial, foi sendo pensado para uma nova reformulação extrema, o que significava a abertura sem limites das estâncias turísticas ao povo, que a elas ia muitas vezes no quadro da emulação socialista.* (in Savana, 4/3/94: 2). O turismo foi sendo associado a vários jargões e epítetos pejorativos como *“a arte de vender o país aos bocados”* (idem), *“o dumba nengue”.* (in Savana, 5/1.2001: 28).

A caracterização que se faz da actividade não escapa a essa leitura tornando objecto por excelência para análise social. Seguem extractos publicados no hebdomadário Savana. *“Neste momento não temos turismo nenhum em Moçambique... o que as pessoas sabem é que Moçambique é o país da Lurdes Mutola”*⁴; *“O governo moçambicano não acredita no empresariado nacional como investidor no turismo, como não pode dizer isso abertamente, refugia-se nas entremalhas da burocracia, engordando ilicitamente à custa do silêncio cúmplice dos estrangeiros”*⁵; *“Os bóeres vão fazendo gincana com carros four by four (4x4) na orla marítima⁶, destroem conchas e corais, tiram toneladas métricas de peixe ornamental sob licenças fantasmas passadas em Maputo”*⁷, *“Turismo é o factor fundamental do desenvolvimento de Inhassoro, mas temos um turismo de merda (sic). Não há estratégia de turismo aqui, tudo o que temos são lodges de sul- africanos, que não*

⁴ Extractos de David Ankers, director do Hotel Polana publicados no Savana de 4/3/94, página 3

⁵ Extractos da reportagem de Fernando Manuel, inserida no Savana de 11/3/94, página 5

⁶ A orla marítima de Moçambique é de 2470kms.

⁷ Idem, Savana de 6/3/98

sabem fazer nada na terra deles, com mais alguns moçambicanos a comerem as suas migalhas"⁸.

1.2 Apresentação da Problemática

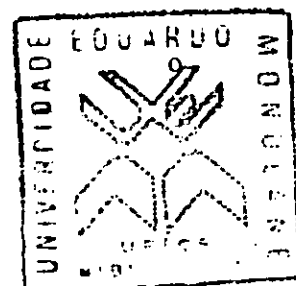
O turismo não sendo uma actividade fechada faz com que predomine a "*motivação para o reencontro de outras pessoas num desejo de comunicação entre sociedades*" (Baptista; 1990:32). Ele tem sido uma fonte principal de contacto entre as culturas e muitas das observações realizadas noutros lugares mostraram que a estrutura sócio-cultural se modifica consideravelmente sob sua influência de país para país, pois, as reacções das populações locais são de formas diversas face a essas alterações.

"Elas vão desde uma resistência activa a uma adopção completa da cultura ocidental, pelo que a escolha de estratégia de adaptação às modificações consequentes depende das características socioculturais do país de acolhimento e do nível das modificações efectuadas". (Baptista ;1997:391).

O estabelecimento de relacionamentos sociais decorrente do turismo fez emergir duas correntes, uma questionando se trata de um verdadeiro contacto e trocas de conhecimentos abrindo novas perspectivas aos turistas e aos habitantes da região visitada, e outra questionando se trata de evasão ao trabalho e ao meio ambiente, ou seja, um simples encontro superficial e fugaz. Igualmente, com o estabelecimento de relacionamentos sociais alargam-se as possibilidades de escolhas entre os destinos turísticos e entre os serviços oferecidos por vários operadores, de acordo com os 3 tipos de benefícios que os turistas perseguem:

- Funcionais: satisfação das necessidades fisiológicas, de relaxamento, etc;
- Simbólicos: satisfação das necessidades de auto-estima e pertença, capacidade de valorização pessoal, amor, etc.;

⁸ Extractos da entrevista com José Cardoso, publicada no Savana, nos dia 5/1/2001, página 28



- Vivenciais: necessidade de auto-realização, autoconfiança, de apreciação da beleza, conhecimento, etc.

Na óptica psicológica (comportamentos) as motivações dos indivíduos para viajar são, em princípio, em função da percepção que o viajante tem sobre a atractividade de um destino turístico, o facto de estar ou não relacionado com os seus objectivos, as crenças assumidas pelo viajante e a possibilidade de a viagem satisfazer aos seus desejos e necessidades.

Estes aspectos remetem-nos ao entendimento de que quando as pessoas realizam o turismo assumem expectativas de benefícios a obter *“os quais são influenciados pelo seu nível sociocultural e envolvem opções e escolhas em que são considerados factores relacionados com o ambiente natural, o património cultural, diversão e relaxamento”*. (Baptista;1997:157)

No concernente a Inhassoro, a região está permeada por práticas turísticas sendo considerada como importante sobretudo pelo valor social do Arquipélago de Bazaruto⁹ à semelhança de outras áreas, como Ilha de Moçambique, zonas de Grande Maputo, zonas costeiras de Xai-Xai, Lipompo, Pemba (Quirimbas), norte de Cabo Delgado e Gúruè, que fazem parte das chamadas APITs. Estas áreas foram seleccionadas de acordo com certos critérios como a sua localização (não mais de 3 horas de carro a partir da porta de entrada aérea nacional ou regional), o potencial máximo do produto definido, infra estruturas existentes, entre outros.

É suposto de estar a atrair as atenções de muitos turistas, mormente sul-africanos e zimbabwuanos, tendo em conta a sua localização geográfica¹⁰, a paisagem, praias, mar, sol

⁹ O arquipélago de Bazaruto é uma área de conservação.

¹⁰ Cerca de 70% da população moçambicana vive ao longo da costa.

e demais produtos turísticos¹¹. Surgem novas práticas, novas dinâmicas sociais, novas indústrias e acampamentos turísticos¹² o que nos remete à seguinte questão de partida:

De que forma a comunidade de Inhassoro percebe o turismo e como é que essas percepções podem influenciar as práticas sobre o objecto?

Estes questionamentos se nos afiguram relevantes para a compreensão e análise do impacto do turismo em Inhassoro, tomando como ponto de partida as representações e percepção da comunidade sobre a actividade. Isto porque se através da percepção chegamos a tomar conhecimento do mundo que nos cerca, as representações sociais são, segundo Bock et al (1989:36), citando Jodelet”, *uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*”.

1.3 Objectivos do Trabalho

Partindo da premissa de que a actividade turística traz consigo certos efeitos (positivos e negativos) para as pessoas receptoras, o presente trabalho pretende, nos seus objectivos gerais, analisar o impacto social do turismo para a comunidade de Inhassoro tendo em conta as suas noções e percepções, como factores que podem concorrer para a atractividade dos destinos dos turistas.

Os objectivos específicos circunscrevem-se na procura do entendimento da lógica dos comportamentos e dos discursos que são produzidos pela comunidade em relação turismo.

1.4 Hipóteses

Para a elaboração deste trabalho foram formuladas duas hipóteses a seguir enunciadas que procuram responder as inquietações levantadas:

¹¹ O produto turístico é composto por elementos tangíveis (natureza e infra estrutura) e intangíveis (animação, atmosfera, conforto, exotismo, etc.)

- O turismo em Inhassoro, quando realizado tendo em consideração as percepções sociais da comunidade e o tipo de relações que se estabelecem, pode contribuir na valorização de património cultural e minimização dos impactos negativos ao ambiente.

- As atitudes dos turistas no seu relacionamento com a comunidade local, condicionam o modo de receptividade e acolhimento por parte dos residentes.

1.5 Justificativa

O turismo pelo seu carácter transversal pode atingir todas as actividades económicas e sociais, estimulando a produção agrícola, as pescas, a construção civil e inspirando a evocação de valores culturais, da arte e folclore locais provoca o estabelecimento de contactos entre pessoas de extractos sociais diferentes, o que vai influenciar na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Actualmente, as abordagens oficiais giram em torno da promoção de turismo sustentável, (aquele que assegura a conservação do ambiente natural assim como a preservação das culturas locais), uma vez que apesar de a indústria turística ainda não ter atingido o auge do seu crescimento, ela reposiciona-se conquistando certo lugar no contexto turístico regional.

A primeira abordagem resume-se na necessidade de se incutir flexibilidade à dinâmica do sector turístico, resgatando o real valor das áreas de conservação e seu papel na promoção turística; a segunda está orientada para o envolvimento das comunidades locais e a contribuição no alívio à pobreza; e a última direcciona-se ao desenvolvimento de novas linhas de produto na perspectiva dos vários segmentos de mercado.

Quanto aos estudos sobre o impacto social do turismo, eles são mais de carácter económico e ambiental. Estudos de índole antropológico, sociológico, psicológico ou outro são quase inexistentes. Mesmo assim predominam as análises superficiais e meramente descritivas, o que concorre para que a actividade seja considerada como subalterna, mal conhecida,

¹² Na zona de Chifunzine existe um acampamento turístico constituído por 90 casas e o seu proprietário é um

objecto de pouca atenção e encarada com displicência por parte de largos sectores de opinião.

Para certos autores (Cunha,1997), o sector parece resumir-se às receitas e despesas turísticas na balança de pagamentos e no número de dormidas na hotelaria, ou então, ao desordenamento urbanístico, agressão ao meio ambiente, sobrelotação de algumas entradas no verão e má qualidade do saneamento básico.

Em termos práticos a motivação para estudar o impacto social do turismo neste ponto do país parte da observação e diálogo mantidos com a comunidade, e das informações que são veiculadas, de quando em vez, pelos órgãos de comunicação social dando conta da prevalência de vários conflitos, mormente os ligados à terra, à utilização excessiva de recursos naturais, a conservação do meio ambiente e outros, opondo turistas, operadores turísticos e os residentes locais. (in Savana; 31/1/ 2003).

Em termos teóricos a motivação para estudar o impacto social do turismo partiu da percepção de que a actividade oferece oportunidades numerosas de contactos com pessoas de background cultural, social e económico diferente, múltiplas oportunidades para conexões, propicia um leque de relações sociais, umas duradoiras e outras marginais que precisam ser analisadas nas suas múltiplas facetas. Assim, através da abordagem do interacionismo simbólico pode-se apreender esta actividade porque se o turismo caracteriza-se pelos relacionamentos ou interacção social entre os actores que nela tomam parte, esta teoria pode explicar os resultados dos processos sociais criados através dessa interacção.

1.6 Metodologia

Na perspectiva de alcançar os objectivos deste trabalho, apreender e procurar compreender a complexidade dos aspectos subjacentes ao impacto da actividade turística para a comunidade não descurando as relações e inter-relações que emergem entre os intervenientes, a metodologia usada desenvolveu-se de acordo com as seguintes etapas:

zimbabweano. Nele trabalham mais de 20 moçambicanos.

- Pesquisa bibliográfica, documental e análise de resultados de estudos e inquéritos feitos no estrangeiro sobre factores educacionais, sociais, culturais dos perfis dos comportamentos dos turistas e sobre motivações de viagens, fontes de informação, imagens dos destinos, mecanismos de decisão de compra, atitudes e actividades durante as férias com o objectivo de compreender as experiências dos outros países;

- Recolha de informação estatística e documental junto do Fundo Nacional do Turismo e do Ministério do Turismo com objectivo de obter mais informações sobre os conceitos;

- Debate/ encontro e obtenção de respostas sobre assuntos ligados ao turismo com algumas entidades oficiais (caso do ministro de turismo, Dr. Fernando Sumbana Júnior), associações ligadas ao meio ambiente e profissionais do sector, com o intuito de aprofundar certas questões ligadas a este objecto de estudo e algumas questões que não tinham sido compreendidas.

- Trabalho de campo onde se inclui a observação directa e entrevista não directiva, tendo-se optado por esta técnica pelo facto de ser a mais adequada ao aprofundamento e exploração de um determinado domínio, situação ou aspecto. Nesse tipo de entrevista procura-se obter informações de ordem cognitiva (Como é que o indivíduo organiza o campo que lhe é proposto, os conceitos, a linguagem que usa, as suas representações da situação e as normas em função das quais actua) e, por outro lado, outras informações de ordem afectiva, como procurar entender as atitudes dos entrevistados. Sendo o processo de pesquisa aquele que qualifica as técnicas e os procedimentos necessários para as respostas que se pretende alcançar, estabelecemos esta técnica de colecta de dados por ser mais adequada a este objecto de estudo. Uma das vantagens da entrevista é a de nos poder ajudar a colectar informações de pessoas que não sabem escrever, situação que aconteceu com parte dos nossos entrevistados, e poder observar o que eles dizem, verificando as possíveis contradições. Ela ajuda-nos também a estabelecer uma relação de confiança e amizade entre o pesquisador e o pesquisado propiciando o surgimento de outros dados.

- Este trabalho compreendeu 4 fases separadas em termos de horizonte espaço-temporal mas que no fundo se complementaram atendendo a natureza de um trabalho de cariz académico em que há formulação e reformulação de teorias e de procedimentos, um exercício, portanto, de vaivém. A pesquisa de campo como parte importante deste estudo foi realizada em duas fases. A primeira decorreu entre os dias 5 a 19 de Janeiro de 2003, e consistiu em entrevistas exploratórias para uma melhor compreensão do problema que se pretendia estudar. Esta desenvolveu segundo a chamada tradição antropológica onde se atribui relevância a observação.

A segunda fase, a que se destinou a um aprofundamento dos vários aspectos subjacentes ao turismo, decorreu entre os dias 25 de Abril a 9 de Maio do mesmo ano na sede do distrito de Inhassoro, província de Inhambane. Esta pesquisa teve como grupo alvo jovens e adultos de ambos os sexos, numa amostra de 25 pessoas, incluindo líderes comunitários, religiosos e outros.

Um dos principais constrangimentos para a efectivação da pesquisa em Inhassoro prendeu-se com as dificuldades de transporte da localidade de Colonga, onde estava hospedado para a sede distrital que dista a aproximadamente 15 kms desta. Algumas entrevistas foram realizadas com recurso a língua local, xitswa, porque os entrevistados, embora falem português, diziam que estavam mais habilitados a fazê-lo com a sua própria língua. Outros não aceitaram a gravação das mesmas e idêntica situação aconteceu com dois turistas.

O resultado desta pesquisa, que seguiu como perspectiva teórica o interacionismo simbólico com base em Goffman e Mead, pela razões já escalpelizadas anteriormente, permitirá dar conta do impacto social do turismo a nível do distrito de Inhassoro nas múltiplas facetas e/ ou dimensões.

1.7 Revisão Bibliográfica

A despeito de o turismo não ser uma actividade recente a nível mundial, os estudos sobre o tema no país são poucos e no geral os primeiros remontam da década 70, o que nos remete

ao entendimento de que a preocupação ou interesse sobre a actividade turística, quer da parte de segmentos da sociedade, como de académicos ou mesmo do governo apenas tenha começado nesse período.

A maioria das abordagens que é feita está direccionada para a vertente económica e insere-se dentro do contexto estrangeiro reservando poucas linhas à realidade africana. Não se nos afigura

como sendo realista pelo facto de evidenciar uma generalização exacerbada. Apesar de serem abordagens de índole etnocêntrica elas fornecem, de alguma maneira, uma linha de orientação que nos ajuda a estudar a realidade noutros contextos socioculturais, como o caso de Inhassoro. E por serem de nível macro analisam o turismo como uma actividade económica geradora de rendimentos para o país.

Para a realização deste trabalho fez-se o discernimento das abordagens que são privilegiadas pelos autores que discutem o turismo em dois grupos de acordo com os fundamentos que apresentam. O primeiro grupo analisa o turismo numa vertente que dá ênfase às actividades que são desenvolvidas decorrentes dessa prática, e um outro grupo procura compreender o turismo no âmbito das relações que são cristalizadas como resultado do contacto dos turistas com os receptores. Nestas abordagens os limites que as separam não são muito fixas havendo compenetração de um determinado aspecto duma para outra.

Segundo Lage e Milone (2000:26), citando Mathieson e Wall, o turismo pode ser entendido na perspectiva da primeira abordagem- a que dá ênfase às actividades- pois eles resumem-no *“ao movimento temporário de pessoas para locais de destinos distintos dos seus locais de morada e trabalho e que incluem a actividade que é exercida durante a permanência desses viajantes nos locais de destino e as facilidades para prover as suas necessidades”*. Citam ainda McIntosh e Gupta (ibidem:27), a mostrarem que *“inclui o alojamento, transporte por forma a satisfazerem as necessidades e desejos dos turistas”*.

Grange e Odendaal (2001: 9), reforçam essa posição na medida em que realçam o facto de o turismo “*providenciar renda de muitos países que se organizam para retirar o máximo de benefícios desta indústria*”. Este tipo de perspectiva tem outros seguidores. Segundo Baptista (1990:9), “*o turismo deve ser entendido à luz das empresas produtoras de serviços de transporte, agências de viagem e consumidores, grossistas e retalhistas*”. Pode ser encarado numa perspectiva antropológica como:

“Fenómeno humano e social que consiste no deslocamento de pessoas, provisório e limitado no tempo, de forma a que tal não implique a transferência do local habitual de vivência, tendo como causa fundamental motivações diversas (que podem ir de simples lazer aos aspectos de ordem profissional) e que tem subjacente, ao aproveitamento dessa deslocação, um misto de evasão do ser humano no seu próprio etno-ecossistema em que está inserido, por um lado, e por outro, a resultante da descoberta de elementos novos de outros meios e culturas, que dão efeitos de aculturação e/ou enculturação no campo dos costumes e mesmo de ideias” (Baptista; 1997: 40).

Cunha (1997:8), cita Hunziker e Krapf, a procurarem compreender o turismo numa outra perspectiva, dando proeminência “*aos relacionamentos entre os diversos actores que intervém na actividade*”.

São estas últimas acepções de turismo usadas neste estudo porque evidenciam um conjunto de relações e fenómenos originados pelas deslocações e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, dão ênfase à multiplicidade de parâmetros e dos objectivos do turismo como um actividade complexa. O turismo não é “*mais do que a soma de relações e de serviços que resultam de estada de pessoas noutra lugar*” (Cunha, 1997:8).

Fica subjacente destes posicionamentos que se atribui pouca atenção ao turismo cultural, aquele que é motivado pelo desejo de ver coisas novas, aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e hábitos doutras populações, conhecer civilizações e culturas diferentes, participar em manifestações artísticas ou ainda viagens de estudo.

A relevância teórica destas abordagens para este estudo deriva do facto de nos permitir ver, analisar e compreender a actividade turística no quadro de dinâmicas mais amplas de mudança, num processo contínuo de adaptação à novas realidades evitando-se, conseqüentemente, fazer-se conceptualizações estáticas. Isto torna-se possível quando se parte da ideia de que o turismo permite às pessoas conviver com modos de vida de outros povos desfrutando de todo o património de conhecimento e recursos turísticos desses povos seja qual for o modo porque são expressos.

Estas questões levam-nos a compreender, como defendem Lage e Milone (2000: 27), que *“é impossível limitar uma definição específica de turismo uma vez que com a modernidade e o desenvolvimento da comunicação, o avanço tecnológico, novos costumes, valores culturais e hábitos emergentes, as viagens foram crescendo, sofisticando-se e adequando às novidades globais da época. A riqueza gerada pelas múltiplas actividades não tem mais limites, as fronteiras geográficas não mais existem, nem o tempo importa mais”*.

CAPÍTULO II

Quadro Teórico e conceptual

Para desenvolver este trabalho há um conjunto de conceitos que vamos considerar e que julgamos importantes na operacionalização dos dados. Esses conceitos poder-nos-ão conduzir a um melhor entendimento do problema mas sendo todos eles polissêmicos, há necessidade de ver os que servem os interesses específicos em face a este trabalho. São os seguintes:

2.1 Turismo

2.2 Participação Comunitária

2.3 Percepções

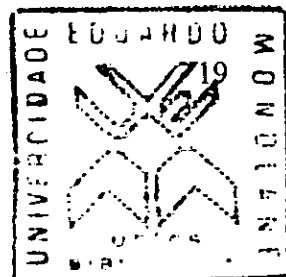
2.4 Comunidade

2.5 Desenvolvimento Comunitário

Segundo Hunziker e Krapf, citados por (Cunha, 1997:8), turismo “*é o conjunto de relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanência não sejam utilizadas para exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária*”.

Esta definição, por não fazer separação entre turistas e excursionistas, evidenciando a actividade lucrativa principal, pode nos levar a pensar que devem ser excluídas do turismo todas as deslocações mesmo que impliquem a obtenção de um rendimento desde que este não tenha carácter principal.

Lage e Milone (2000:26), citam McIntosh e Gupta, a consideram o turismo “*como a ciência, a arte e a actividade de atrair, transportar e alojar visitantes a fim de satisfazerem suas necessidades e seus desejos*”. Matheison e Wall são citados por Lage e Milone a consideram “*como o movimento temporário de pessoas para locais de destinos distantes de seus lugares de trabalho e de morada, incluindo também actividades exercidas durante a*



permanência desses viajantes nos locais de destino e as facilidades para promover suas necessidades”.

Estas acepções, a despeito de enfatizarem a complexidade da actividade turística, deixam perceber, implicitamente, as relações que essa mesma actividade envolve. Segundo Cunha (1997:9), citando Bernecker, turismo *“é como a soma das relações e dos serviços que resultam de uma alteração de residência, temporária e voluntária, não motivada por razões de negócios ou profissionais”.*

Compartilhamos, de alguma forma, deste posicionamento mas com a anotação de se ter que incluir todo o tipo de viagens quer sejam de negócios, profissionais ou de outra natureza. Com efeito, pessoas entrevistadas em Inhassoro, disseram que muitos turistas que se deslocam àquela região não o fazem apenas pelos simples prazer de passear ou conhecer novas formas de vida. Alguns têm interesse pela pesca, onde se movimenta valores monetários significativos.

Relativamente ao conceito de participação comunitária, Yeung e Mcgee (1989:105), afirmam que *“tal significa que há vontade de aceitar algumas responsabilidades e actividades tanto por parte do governo como da comunidade. A inclusão honesta dos representantes comunitários como sócios na tomada de decisões, é o que faz dessa participação um êxito”.* Isso pressupõe, contrariamente a outras abordagens, que quando se leva a cabo um trabalho de enfoque de participação comunitária, deve-se analisar vários factores como:

- A motivação, liderança comunitária, aprendizagem e recursos para o desenvolvimento comunitário;
- A vontade de aceitar algumas responsabilidades e actividades e;
- A inclusão de representantes comunitários como sócios (parceiros) na tomada de decisões.

Esquematisando, depois das reflexões que são feitas, tomamos como referência, por ser mais abrangente uma vez incluir a interacção recíproca entre comunidade local e governantes, a definição do mesmo autor citando Falloux e Talbot (1996), os quais afirmam que *"a participação comunitária não é só falar com governantes, mas também consultar a população local para obter o balanço do quadro das diferentes visões, sendo considerada como a garantia de que a sociedade considera os seus problemas e formula suas próprias soluções"*.

No tocante ao conceito de percepções, Rubinstein (1972:46), salienta que *"elas pressupõem a existência de um objecto real que actua imediata ou directamente sobre o nosso órgão sensorial. É sempre percepção de alguma coisa material (de um objecto, texto, de umas notas, de um desenho) que se produz sob certas condições reais"*.

Estas ideias são retomadas por Ferreira et al (1996:10), citando Hargie e Marshall, os quais defendem três formas de percepção na interacção social, designadamente, *"a percepção que fazemos da nossa própria resposta, o que comunicamos e o modo como o fazemos, e a impressão que poderá causar no outro; a percepção das respostas do outro; e a metapercepção; ou seja, a percepção de como o outro nos percebe a nós"*.

Wagner e Hollenbek (1999:58), resgatam, por sua vez, as ideias de Hargie e Marshall, considerando-a *"como o processo pelo qual os indivíduos seleccionam, organizam e recuperam informações"*. Com base nessas reflexões, são tomadas em conta neste estudo essas últimas definições porque apresentam os vários níveis em que a percepção intervém.

Na literatura que trata de comunidade existem várias definições que contribuem para tornar este conceito ambíguo. Umam evidenciam, como características, o aspecto geográfico, as interacções sociais no seio da unidade geográfica, outras dão ênfase à partilha dos mesmos recursos, interesses, ligações por laços de solidariedade e de pertença.

Num ponto intermédio, enquanto Neto e Garcia (1987), definem a comunidade *"como a reunião total de ideias, interesses e recursos, em determinado espaço geográfico em que as*

peças interagem buscando soluções dos seus problemas para a realização do bem comum”, os mesmos autores citam ainda Padim, a considerá-la como sendo “aquele sentido de solidariedade, de corresponsabilidade em relação a todo o conjunto: unidade de vida, unidade de interesses e unidade de responsabilidade. É uma forma estável de associação de qual os membros participam por aquilo que são. Nesse sentido, distingue da sociedade ou formas sectoriais de associação das quais os membros participam por aquilo que têm”.

Compartilhamos com as duas últimas definições por levarem em conta a localização geográfica, laços comuns e interacção social, aspectos que coincidem com os que verificamos no contexto da realidade social da comunidade de Inhassoro, em que a grande parte de população local compartilha interesses comuns no que respeita a melhoria de condições de vida, a exemplo de saúde, educação, água para além de ser depositária e guardiã de uma cultura igualmente comum.

O conceito de desenvolvimento comunitário passou a ser uma expressão muito usada nos tempos actuais como processo no qual há esforços multifacetados quer do governo e não só visando melhorar as condições de vida das comunidades nos seus vários aspectos de actividades.

Alguns autores, como Neto e Garcia (1987:64), conceptualizam o desenvolvimento comunitário como *“um processo participativo que envolve pessoas e entidades na acção conjunta de promoção comunitária, partindo-se de um conhecimento da realidade e da busca objectiva das soluções para os problemas comuns”*. É esta a acepção que é privilegiada neste trabalho, por levar em consideração que o mesmo pressupõe um conjunto planeado de acções, contemplando as várias dimensões das necessidades vitais de uma população.

O desenvolvimento comunitário inclui questões relativas à educação, segurança, saúde, emprego, ocupação inteligente do solo, lazer, cultura, comprometimento social dos cidadãos na preservação do meio ambiente, ajuda aos necessitados, relacionamento

interpessoal, etc. Assim, esquematizando, diremos que o desenvolvimento comunitário compreende um conjunto de processos sociais que possibilitam encontrar uma variedade de interconexões sociais e que o significado dessas interconexões pode ser apreendido e analisado.

No concernente ao quadro teórico, importa referirmos que para a análise, compreensão e procura de interpretação do turismo, cristalizaram-se, nos últimos tempos, algumas teorias e micro teorias. É, pois, neste contexto que se enquadram as contribuições de Lage e Milone (2000:28), que citam vários autores que apresentam modelos procurando apreender essa realidade nas suas mais variadas dimensões.

É disso exemplo a teoria de bala mágica¹³, que acentua o papel da mídia ao moldar a opinião pública e influenciar as massas a agir conforme o desejado pelo comunicador, e a de influências selectivas, em que se refere às novas reflexões sobre o entendimento das influências da comunicação no comportamento dos grupos em resultado da pesquisa empírica em larga escala sobre os efeitos da comunicação. Outrossim, existe a teoria das influências indirectas¹⁴, que sustenta que o comportamento dos indivíduos é influenciado por factores como guerra, pressões económicas, e outras.

No caso concreto deste estudo partimos de dois pressupostos: primeiro, o de que estando as pessoas em constante interacção social isso as leva a construir a sua própria realidade e o segundo pressuposto, o de que existe em Inhassoro relacionamento social entre comunidade, turistas e operadores turísticos. Assim, a preocupação é de ver os resultados dos processos sociais criados através dessa interacção. Isso pode ser explicado pelo facto desta corrente teórica estudar o mundo visível tal como é movido e compreendido pelos actores interessados.

Segundo Coulon (1995:57), "*a interacção é estudada por si mesma e não somente como a manifestação das estruturas sociais profundas da sociedade*". Coulon cita Mead, a explicar

¹³ Esta teoria é igualmente conhecida por Teoria de Agulha Hipodérmica ou Teoria de Correia de Transmissão.

¹⁴ Estas teorias foram formuladas por Albert Bandura em 1960.

que a interacção simbólica representa o domínio em que os indivíduos para responderem aos gestos e acções dos outros precisam de usar e interpretar os símbolos que esses gestos e acções representam.

“O comportamento é assim resultado de uma tensão entre tudo o que é incerto e a estrutura da personalidade, ou seja, esta tensão é característica da sociedade podendo ser solucionada quer pela estabilidade e regularidade das interacções sociais, quer pela emergência de conflitos ou mudança, sempre que os seus participantes perceberem que as instituições contrariam a prossecução e realização dos seus interesses práticos”. (Idem)

Esta ideia é partilhada por Goffman citado por Ferreira et al (1995:306), ao sustentar que *“o não cumprimento integral das normas sociais releva do princípio de que os actores sociais, na procura de soluções para os seus problemas são capazes, pela sua capacidade reflexiva, de modificar as regras e as normas que limitam os seus interesses e a sua liberdade”.*

Esquemmatizando, o processo de interacção social acaba por ser dependente da quantidade e da capacidade de manipulação da informação que cada actor consegue realizar no contexto de uma situação particular.

Em jeito de conclusão, conforme argumenta Mead citado por Coulon (1995:57), *“é na medida que o indivíduo interioriza o outro que aprende a organizar a sua própria experiência e a comunicar consigo próprio e com os outros, a interpretar o significado das diferentes linguagens e das diferentes situações”.* De referir que estas referências teóricas são importantes pelo valor de serem capazes de explicar a realidade a que nos propomos estudar.

CAPÍTULO III

Distrito de Inhassoro: Situação Geográfica e Caracterização Sócio-económica

3.1 Aspectos Históricos

De entre os autores que realizaram estudos sobre as tribos Tsonga, Junod (1996:33), diz que estas compõem-se dum grupo de populações bantu estabelecidas na Costa Oriental de África desde as proximidades da bacia de Santa Lúcia até ao rio Save. Durante todo o Século XIX (pg.47), a história da tribo tsonga é *“principalmente a de invasões e de imigrações de conquistadores zulus, que, tendo se separado de Chaka, reduziram à escravidão, em seu proveito próprio os pobres Ama-Tsonga da costa, como Muzilikazi fez aos Maxonas”*.

Numerosos clãs Tsongas emigraram para o Transval nessa época (1835-1840), por recusarem submeter-se a Manukuse. Com a morte deste, que reinara durante mais de 20 anos no Vale de Limpopo até Mussapa (territórios Ndaus ao norte do Save), travou-se durante mais de 10 anos uma guerra de sucessão entre Muzila e o irmão deste Mawewe. Mawewe foi proclamado chefe mas Mazula acabou o derrotando num confronto posterior.

Segundo essa fonte, o nome Tsonga foi-lhes dado pelos invasores zulus ou Angonis. Existem muitos grupos tsongas. O grupo Hlengwe, o mesmo que fortuna, é a população tsonga que se estende do leste e do nordeste, desde o Limpopo até Inhambane e ao Save. O nome Hlengwe, propriamente dito, só se aplica à parte setentrional dos clãs de leste.

Este grupo compreende pelo menos 3 subdivisões: hlengwes propriamente ditos, a oeste dos malulekes e dos valoyi e que se estendem até ao Save. Os seus principais clãs são os cawuke, mbenzana, mavhuve e maginyana. Os tswas de Inhambane com os clãs lembingwana, nghwana e mokumbi; e os nwanatis com os makwakwas, khambanas, lembegwnas e ndhimanhes, na fronteira dos copis.

3.2 Caracterização

O distrito de Inhassoro situa-se na região a norte da província de Inhambane tendo como limites o distrito de Govuro a norte, o distrito de Vilankulo a sul, a oeste os distritos de Massinga e Mabote e a este o Oceano Indico. Possui uma superfície de 6.299 km², sendo 6.265,5 km² da parte continental e os restantes 35.5km², da parte do Arquipélago de Bazaruto.

A população do distrito de Inhassoro é de 43,406 habitantes, de acordo com o Segundo Censo Geral da População e Habitação ¹⁵, mas actualmente estima-se em 48.290 habitantes. Possui uma densidade populacional de 6,8 habitantes por km², distribuídos em 2 postos administrativos, designadamente, Arquipélago de Bazaruto e sede do distrito.

Segundo uma fonte oral¹⁶, a actual sede do distrito de Inhassoro foi, por longo período, conhecida por Xikhatsa, enquanto que o Arquipélago de Bazaruto era denominado Wuxurutsi. A ilha de Santa Carolina era chamada Xizene. Essa ilha, de acordo com as informações colhidas na sede distrital, acolheu, durante o período de ocupação colonial, os presos vindos de muitas partes da província de Inhambane que ficavam sob cuidados de uma senhora chamada Carolina. Devido à sua popularidade, o local passou a ser conhecido por Santa Carolina.

A fonte em alusão disse que Inhassoro era uma zona rica em recursos marinhos como tartarugas e baleias. Assim os “vatsonga” diziam que iam comer cabeças (mussoro na língua local), desses mamíferos. Foi assim que os portugueses acabaram por atribuir à zona o nome de Inhassoro. Esta região fez parte do Concelho de Govuro, cuja circunscrição foi integrada no então distrito de Inhambane pelo disposto no Artigo Terceiro, número 31-896, de 21 de Abril de 1942. Mais tarde passou a concelho. O posto da sede era Mambone, tinha como regedorias Colonga, Machovo, Matique, Nhapel e Singarrire.

¹⁵ O censo foi realizado em 1997 cobrindo todo o país.

¹⁶ António Magalhães Muvala, residente de Inhassoro e pessoa muito influente junto da comunidade, entrevistado no dia 25/4/2003

O outro posto foi o de Bartolomeu Dias com sede em Inhassoro, tendo como regedoria Chibamo. Incluía o posto administrativo de Mabote, cuja sede se localizava em Mabote, tendo como regedorias, Chichongue e Mabunguere.

Inhassoro ascendeu à categoria de distrito em 1986, aquando da revisão da nova Divisão Administrativa do país e é constituído por 4 localidades a saber, Localidade Sede de Inhassoro, Maimelane, Cometela e Nhapel¹⁷.

As línguas predominantemente faladas são chitswa, na zona continental, e chihoca, no Arquipélago de Bazaruto, sendo a nível da província o tsua¹⁸ e chope, considerados como o grupo étnico maioritário.

3.3 Clima, relevo e vegetação

Segundo o relatório do primeiro trimestre do Governo Distrital datado de Abril de 2002, Inhassoro é um distrito característico de um clima semi-árido, com chuvas raras e erráticas, o que faz com que o resultado das colheitas não satisfaça as necessidades dos camponeses. As precipitações pluviométricas em 2001, foram na ordem de 1.608,2 mm, enquanto que no ano 2000 situaram-se em 1.142mm.

Compreende 3 regiões agro-ecológicas diferentes. A região da costa apresenta solos arenosos pobres com fraca capacidade de retenção de humidade e no interior encontram-se duas regiões características de solos areno- argilosos, e argilo- limosos feralíticos. A vegetação é predominantemente arbustiva com vastas extensões de savanas, prevalecendo nas florestas a fauna bravia.

¹⁷ Esta zona é conhecida igualmente por Baúle.

¹⁸ Também é conhecido por Tsonga.

3.4 Saúde

A rede sanitária do distrito é composta de 3 centros de saúde, sendo 2 na localidade de Maimelane e 1 na sede distrital. Existe também 1 posto de saúde no posto administrativo de Bazaruto. A nível da comunidade funcionam 7 postos de socorros. Não existem postos de saúde privados nem farmácias.

3.5 Educação

A rede escolar é composta por 33 escolas, sendo 31 do Ensino Primário do Primeiro Grau e 1 do Ensino Primário Completo. Está em construção uma escola de artes e ofícios. Não há escolas privadas.

3.6 Comércio

Existem somente 5 estabelecimentos comerciais a retalho e 1 de venda a grosso, dois mercados informais, um localizado perto da sede distrital nas proximidades do antigo aeródromo local e outro na zona da Pescom. Há uma indústria de panificação e mais de 3 padarias de fabrico caseiro.

3.7 Água

O distrito conta com 41 fontes de água, sendo 8 furos na localidade sede de Inhassoro; 11 furos na localidade de Maimelane; 9 furos na localidade de Nhapele e 13 furos na localidade de Cometela.

3.8 Conflitos de terra

Um dos maiores conflitos em Inhassoro reside na posse de terra tanto para a habitação como para o cultivo, presumindo-se que tal se deva ao facto de a agricultura ser, para a comunidade local, a principal actividade económica antes da pesca ou turismo.

Segundo Santos et al (1996), o conflito é *“uma construção social uma vez que representa uma divergência de interesses entre grupos que ocorre no contexto de uma realidade social, pelo que o mesmo padrão de comportamento pode ser considerado litigioso ou não consoante a sociedade, o grupo social ou contexto de interações em que ocorre”*. No geral, muitos dos conflitos que surgem são motivados pela falta de harmonização do modelo formal de posse de terra (leis e regulamentos) com certas práticas sociais, usos e costumes das comunidades.

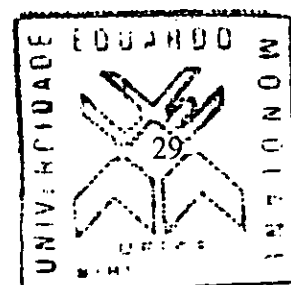
No caso concreto do nosso país, a posse ou aquisição de direito de terra, segundo as práticas antigas decorreu por via do costume. Segundo a Oram (1998), a transmissão do direito processa-se *“por hereditariedade não existindo causas de extinção ou perdas de direitos dentro da mesma linhagem”*.

O direito costumeiro muitas vezes é ignorado em benefício da legislação em vigor que postula que a terra não pode ser alienada. Nalguns casos as autoridades governamentais, no caso concreto a administração local, faz concessão de terras a turistas que outrora pertenciam a um determinado membro de família conforme as regras de sucessão.

Um residente explicou que *“a zona onde está a funcionar um complexo pertencente a estrangeiro na zona da Pontinha fazia parte da minha propriedade, mas as autoridades administrativas cederam a turistas zimbabweanos”*¹⁹.

A procura de terras em Inhassoro tem em via a satisfação de dois objectivos. Nas zonas mais recônditas a população procura as terras férteis para o cultivo enquanto que na vila o objectivo é para construção de residências ou empreendimentos sociais. Em quase todo o distrito a produção de cultura depende de mão de obra familiar e de trabalhadores sazonais assalariados. Há, igualmente, entre ajuda entre famílias e vizinhos. Segundo Feliciano (1998:249), *“entre grupos circulam pessoas e bens, num movimento de transacções, umas recíprocas, outras prestatórias e outras ainda fazendo recurso a moeda”*.

¹⁹ Helena Respeito, residente em Inhassoro, entrevistada no dia 7/5/2003



De acordo com o que constatamos, existe reciprocidade em Inhassoro, com pessoas de determinada família a trabalharem alternadamente em machambas de outras famílias tanto durante a sementeira como na fase de cultivo. Esta forma de circulação é chamada pela comunidade local de "kurimissana".

3.9 Turismo

Para a mesma fonte oral, o turismo em Inhassoro está intimamente ligado ao desenvolvimento da actividade pesqueira da parte dos primeiros pescadores da raça negra no distrito na década de 30, casos de Tcheiwane, Petane e outros mestiços como Damola e Bicmi. Mais tarde apareceram os primeiros chineses tais como Fuhima, Ahowa, Andia, Ahoba, entre outros, que impulsionaram a actividade.

Inhassoro passou a ser muito conhecido tendo-se assistido as primeiras viagens turísticas da parte de alguns cidadãos zimbabweanos que construíram as primeiras casas de alvenaria das quais muitas servem, até aos dias de hoje, como infra-estruturas de Estado. Mesmo assim nem todas as pessoas que visitavam o local eram movidas pela necessidade de fazer turismo porque tinham outros objectivos, como a pesca.

Mesmo atendendo aos factores climatológicos que não limitam a estação turística em alguns meses como noutros países e a existência dos chamados "produtos turísticos" procurados, como o mar e o sol, no tempo colonial até 1975, Inhassoro não era uma zona privilegiada em termos de acções viradas ao investimento do turismo uma vez que os três pólos de desenvolvimento da actividade apontavam para Lourenço Marques, Beira e Ilha de Moçambique.

Depois da independência nacional a actividade turística começou a ganhar certa relevância mas com o ultimo conflito armado entre a Frelimo e a Renamo muitos turistas preteriram deslocar-se a Inhassoro receando falta de segurança. Com o término da guerra e a assinatura dos Acordos de Paz a 4 de Outubro de 1992, em Roma, Itália, entre os dois beligerantes, a vida voltou à normalidade e muitos turistas começaram a visitar Inhassoro.

Entretanto, até aos finais do ano passado havia um total de 6 estâncias turísticas, das quais 3 em funcionamento, uma em reabilitação e duas encerradas. São estâncias turísticas de qualidade, uma vez dispõem de condições para acolher hóspedes. Na sede do distrito funcionavam o Motel Inhassoro e o Hotel Seta, enquanto que no Arquipélago de Bazaruto estavam em actividade o 'Bazaruto Lodge' e o 'Indico Bay'.

O Hotel Seta emprega mais de 15 pessoas na sua maioria mulheres e a perspectiva do seu proprietário para os próximos anos é de aumentar o número de quartos devido a avalanche de turistas nos finais de ano onde para se conseguir alojamento faz-se reserva antecipada. Antes da crise política no Zimbabwe, os principais hóspedes vinham daquele país mas actualmente vêm da África do Sul²⁰. Esta unidade hoteleira possui um parque de campismo construído de caniço, restaurante construído de cimento com cobertura de chapas estando aberto para todos os turistas. Tem capacidade de 30 camas e por estar muito perto da praia, muitos turistas estrangeiros têm realizado junto ao local os concursos de pesca.

O Motel Inhassoro²¹ apesar de estar aberto, praticamente não recebe turistas pois nele estão alojados alguns trabalhadores da multinacional SASOL que se dedica a trabalhos de prospecção de gás em Timane e Pande²². Esta infra estrutura está a funcionar sob forma de arrendamento a terceiros, enquanto que o Hotel Inhassoro, na sede do distrito, e o Hotel Santa Carolina, no Arquipélago de Bazaruto, encontravam-se encerrados²³. O primeiro é tido como uma das mais antigas estâncias hoteleiras do distrito enquanto que em relação ao segundo e a outros localizados em Bazaruto, as informações recolhidas careciam de aprofundamento.

Existem ainda dois hotéis em funcionamento, o Hotel João Passagem e o Salema. Chibite. Ambos precisam de reabilitação, sobretudo o segundo que apresenta-se degradado no seu

²⁰ Não foi possível apurar o número exacto de turistas que vêm a Inhassoro mas a opinião de pessoas ligadas à actividade indicam que a maior percentagem de turistas que vêm é a de estrangeiros.

²¹ Este hotel é mais conhecido por Estoril mas não há informação sobre quando se deu a mudança do nome.

²² Pande é um posto administrativo do distrito de Govuro

²³ Por dificuldades financeiras conjugadas com as de travessia não consegui deslocar até Bazaruto porque usualmente é feita a partir de Vilankulo.

aspecto exterior. Muitos turistas nacionais recorrem a esses locais²⁴ e ambos empregam a mão de obra local.

²⁴ Não consegui apurar se trata de turistas sem muitas posses ou se são turistas com posses mas que preferem

CAPÍTULO IV

Resultados preliminares da pesquisa

A fase que se seguiu foi a de mapeamento, classificação e análise dos dados recolhidos, procurando ver os aspectos mais comuns e outros específicos ou não-comuns, os quais são, do ponto de vista antropológico, também significativos, isto de acordo com as entrevistas que foram realizadas aos turistas, operadores turísticos e comunidade local.

Relativamente às percepções sobre o turismo, enquanto a maior parte da comunidade local pensa que o turismo é uma actividade realizada pelos brancos como forma destes passarem as suas férias ou participarem nos concursos de pesca ao peixe selfich e marleni, espécies consideradas raras, os turistas e os operadores turísticos defendem que o turismo não se restringe unicamente à participação de pessoas da raça branca e que contribuí para o desenvolvimento do distrito, em particular, e do país, em geral. Depreende-se, deste posicionamento, que a maior parte da comunidade exclui-se desta actividade relegando-a para plano secundário, situação similar aos concursos da pesca desportiva aos quais defende que só os brancos é que podem participar.

“Vemos muitos brancos com barcos a motor na praia a pescar, não sabemos para aonde levam o peixe que capturam, sabemos, sim, que eles compram carros quando regressam aos seus países mas nós aqui estamos a sofrer”²⁵.

Quanto à atracção turística certos elementos da comunidade disseram que os turistas gostam de coisas primitivas e originais como apreciar o oceano, a paisagem, as águas por não serem poluídas como nos locais donde eles vêm, e a captura do peixe selfich e marleni. Apontaram ainda como possíveis atractivos a construção e aluguer de acampamentos turísticos a exemplo da ‘Esperança’. Esta posição foi defendida, igualmente, por uma outra entrevistada,²⁶ a qual explicou que os turistas estrangeiros ficam impressionados pela

fazer poupança.

²⁵ Laura Massingue, natural e residente em Inhassoro, entrevistada no dia 28/4/2003

²⁶ Michaela Cosijn, pesquisadora ambiental afecta ao projecto de gás de Temane no distrito de Inhassoro, entrevistada no dia 7/5/2003

receptividade dos moçambicanos, a simpatia dos residentes, as relações que desenvolvem com a comunidade. *“Aos turistas não lhes interessa os hotéis de luxo de mais de 10 andares junto a costa como acontece nalguns países a exemplo da Espanha”*.²⁷

No tocante ao relacionamento entre os diversos actores sociais, a maior parte da comunidade e os operadores turísticos afirmou que o relacionamento com os turistas não é salutar. O proprietário do Hotel Seta chegou a dizer que existem sinais de racismo da parte de certos turistas os quais podem ser vistos no semblante que aparentam e na forma como tratam os residentes locais, onde é visível o desprezo. Este posicionamento ajuda-nos a compreender que as grandes clivagens em termos de interesse podem ser vistas não somente em termos de sexo, idade, geração, mas igualmente em termos rácicos.

As respostas foram igualmente divergentes no tocante aos benefícios do turismo. A maior parte dos entrevistados quer pertencente à comunidade como a operadores turísticos sustentou que os ganhos são poucos, enquanto os turistas defenderam uma posição contrária. Os primeiros salientaram que não existe redistribuição de ganhos devido a falta de fundo específico para o turismo, além de os turistas possuírem os melhores meios, como barcos e pescarem mais.

Normalmente os turistas compram artefactos, tais como conchas, ‘mazumas’²⁸, e também caniço, e estacas para a construção dos seus campos de férias e “contratam jovens para lhes servir de guias ou facilitadores turísticos”²⁹. Uma entrevistada disse que os residentes locais estão a ser enganados pelos turistas porque o maior ganho que eles têm é o emprego precário.

“Trabalhamos arduamente para eles mas enquanto os brancos sul- africanos pagam-nos até 50 contos diários, os outros, sobretudo zimbabweanos, pagam-nos só até 30 contos por

²⁷ Extractos da entrevista mantida com Paul Dutton, ecologista no dia 7/5/2003

²⁸ Crustáceos de várias qualidades e que podem servir de objectos de adorno.

²⁹ Normalmente um guia tem que saber falar inglês para além de possuir sólidos conhecimentos da zona-locais onde se localizam os mercados, padarias, onde há venda mariscos, onde é susceptível de se capturar peixe durante os concursos. O guia serve também para intermediar contactos de natureza vária daí que se exige uma pessoa activa.

dia e não temos direito ao descanso semanal nem contrato formal. É certo que alguns turistas sul- africanos quando regressam aos seus países oferecem-nos loiça diversa e mesinhas mas os outros (zimbabweanos) às vezes trazem seus trabalhadores. O dinheiro não chega porque a vida está difícil³⁰”.

Os turistas, por sua vez, disseram que compram vários produtos no mercado local, peixe, ovos, lenha, caniço. Sustentaram que a maior parte da mão de obra local, pelo menos a que lhes contacta para fins de emprego, não está preparada para satisfazer o nível de exigências que eles querem o que justifica o facto de muitas vezes trazerem consigo trabalhadores do Zimbabwe, para serem empregados ou governantas. Defenderam, em relação a pesca desportiva, que é uma actividade selectiva pois chegam a gastar cerca de dois mil dólares para capturar um peixe. Estas observações evidenciam que as expectativas, quer da comunidade como dos operadores turísticos não estão sendo totalmente satisfeitas.

No que diz respeito ao seu envolvimento em actividades ligadas à comunidade, os turistas explicaram que apesar de estarem abertos ao diálogo nunca foram consultados para qualquer iniciativa ou actividade. Apontaram como um dos maiores problemas, a utilização, pelos pescadores, de redes de malhas finas, situação que concorre para a captura de dugongos, que mesmo assim no lugar de devolve-los ao mar os consomem. Disseram que falta entendimento entre as pessoas, porque eles estão a fazer campanhas de sensibilização via- publicidade nas camisetas e bonés sobre a necessidade de se acabar com a morte destas espécies raras.

Os moradores defenderam que os turistas não só não participam nas actividades da comunidade, como erguem construções junto à praia a menos de 100 metros da orla marítima, destroem os solos pela utilização de carros e motos, electrificam muros, poluem o ambiente, capturam espécies protegidas, além de promoverem uma espécie de ‘bantustões’. Afirmam que, ao cercarem as suas casas e os caminhos que vão dar a esses locais e protegerem –nas com cães, evitam contactos constantes com a comunidade local.

³⁰ Maria Nguluve, empregada doméstica, residente em Inhassoro, entrevistada no dia 4/5/2003

Em Inhassoro existe uma comissão encarregue de fazer a fiscalização dos recursos pesqueiros conhecida por Comité de Co-Gestão, que está subordinada directamente à Administração Marítima cabendo à DDADR, o controle do destino de mariscos³¹ e emissão de licenças. Esta comissão funciona há mais de 5 anos, mas é acusada pela comunidade de não estar a fazer nada.

Das constatações feitas no terreno a conclusão a que chegamos foi diferente do posicionamento do administrador o qual afirma que o impacto da Comissão de Co-gestão é notório por estar a corresponder às expectativas apesar da falta de meios circulantes. O funcionamento da comissão não se faz sentir por que cada operador turístico, por exemplo, procura melhorar isoladamente o local onde situa a sua infra estrutura não havendo uma acção concertada e mais abrangente que envolva a comunidade e turistas.

O presidente dessa comissão é igualmente responsável da comissão de moradores para o desenvolvimento do distrito e é acusado de estar a tirar vantagens do cargo que ocupa embora supõe que tenha intervindo no processo que ditou a construção do novo hospital, o arranque das obras da escola de artes e ofícios e na instalação do Instituto de Desenvolvimento de Pesca da Pequena Escala.

“Não estou a prejudicar Inhassoro, a comissão foi criada convista a ajudar o governo na resolução de alguns problemas junto da comunidade, entre os quais, os conflitos de terras, flexibilizar a implementação de projectos ou outros empreendimentos sócio- económicos que possam elevar o desenvolvimento da região. Quando me vêem com um terreno pensam que é por causa da comissão, como se eu ganhasse alguma coisa, antes pelo contrário, este trabalho só me rouba tempo” (in Savana; 11/ 7/ 2003)

Relativamente às práticas e costumes, Baptista (1990:14), sustenta que *“os contactos humanos entre os povos de diferentes níveis sociais e culturais e com diferentes perspectivas de sentido de vida são susceptíveis de influenciar e/ ou perturbar os padrões e os estilos de vida dos residentes das regiões ou países visitados, com efeitos directos e*

³¹ A DDADR cobra 125 meticais por cada quilograma de pescado transportado para fora do distrito.

indirectos, imediatos ou tardios positivos ou negativos, que provocarão com maior ou menor incidência, alterações nesses padrões e nesses estilos de vida". Neste caso concreto, certas práticas mantêm-se intactas havendo contudo outras que são influenciadas pela dinâmica do turismo.

Dois entrevistados ao afirmarem que o turismo está a mudar os valores culturais e práticas da comunidade acabam corroborando com essa tese. Segundo eles, há pessoas que entram nas repartições públicas de calções, bonés e chinelos apesar das circulares que foram afixadas nesses locais interditando o acesso quer de turistas como não nessas condições.

Outro entrevistado sustentou que o não respeito pelas instituições de Estado é sinónimo de falta de consideração e educação. *"Como o senhor acabou de ver, um funcionário da administração insurgiu-se contra o turista que queria tratar alguns documentos. O turista além de usar calções curtos nem sequer tirou o chapéu. Eu não sei se nos seus países procedem assim. Julgo que são problemas culturais, pensam que temos que aceitar tudo, o turismo não se faz em instituições de Estado³²".*

Destas constatações a ilação a tirarmos é a de que sendo o turismo uma actividade eminentemente social, tanto na óptica dos viajantes como na dos indivíduos com que estabelece contactos, é influenciado por motivações, anseios, atitudes, práticas, costumes actuações que consoante o seu significado social e a interpretação dos turistas, constituem factores susceptíveis de inspirar a repetição das viagens ou não.

Sintetizando, esta questão ajuda-nos a clarificar que a cultura não deve ser vista numa perspectiva estática tanto assim que não existe cultura superior. Todas as culturas são diferentes e todos os grupos humanos possuem costumes próprios. Segundo Lima et al (1987:37), cultura *"é tudo o que recebemos, transmitimos ou inventamos, aquilo que o homem acrescenta à natureza"*. Citam ainda dois autores, designadamente Lowie, que a define como *o conjunto de tradições sociais*, e Linton que a considera como *herança social*.

³² Paulo Jamisse, administrador de Inhassoro, entrevistado no dia 28/4/2003

Certas pessoas da comunidade disseram que as autoridades ligadas ao sector deveriam apostar no turismo informal, também conhecido por turismo de mochila por acarretar menos custos e poder contribuir no relacionamento social, no conhecimento de cultura de outros povos e no emprego. *“As pessoas de mochila têm mais contactos com outras, não ficam nos hotéis, precisam somente de residência com chuveiro, casa de banho em condições e água”*.³³

Argumentaram que de quando em vez vêm alguns turistas brancos de mochila em número reduzido só que eles (turistas de mochila), são vistos com cepticismo porque chegam a partilhar o mesmo “chapa” com o resto da comunidade local. Isto explica-se pelo facto de a comunidade local ter criado certos preconceitos sociais, ao pensar que o branco é que possui posses económicas.

4.1 Tipos de Turismo em Inhassoro

No contexto das várias especificidades do turismo, e tendo em conta as entrevistas realizadas com a comunidade, operadores turísticos e turistas para além das constatações resultantes da observação no terreno, o turismo que se pratica em Inhassoro pode ser entendido segundo as referências que se seguem:

- Individual, porque segundo, Cunha (1997:13), neste tipo de turismo *“um grupo de pessoas ou uma pessoa parte para uma viagem cujo programa é por eles fixado, podendo modificá-lo livremente, com ou sem intervenção de uma agência de viagens”*. Com efeito, a maior parte dos turistas que desloca a Inhassoro vem individualmente ou em grupo havendo casos que por iniciativa própria decide prolongar ou não a sua estadia sem imposição de outrem;

- De minorias porque é realizado por indivíduos isolados ou formados por pequenos grupos caracterizando por um princípio de selecção económica ou cultural. Quer dizer que será

³³ Xavier Mavonho, residente em Inhassoro, entrevistado no dia 28/4/2003

oposição ao turismo de massas, o qual é realizado por pessoas de fraco nível de rendimentos, viajando na sua maioria, em grupos, sendo escassos os seus gastos, sua permanência de curta duração, ocupando em regra estabelecimentos hoteleiros de menor categoria;

- De permanência, porque é realizado numa localidade ou num país, objectivo da viagem, por um período de tempo variável que, exigirá pelo menos uma dormida. Das entrevistas que foram efectuadas com os turistas ficou assente que todos eles ficam, pelos menos 4 dias em Inhassoro, salvo raras excepções;

- Receptor, porque abrange as visitas a um país por não residentes. No caso vertente praticamente quando se fala de turistas em Inhassoro está-se a referir aos turistas sul-africanos e zimbabweanos que são os que visitam regularmente o distrito;

- Desportivo, porque visa satisfazer as necessidades de ocupação dos tempos livres, tais como pesca, mergulho submarino e excursões ou passeios a pé;

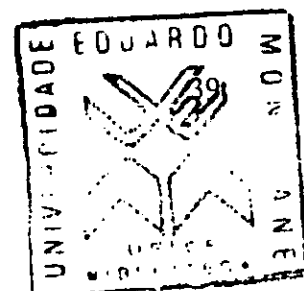
- Rodoviário, já que a maior parte dos turistas que escala a zona vem ou de autocarro ou de viatura particular, sendo a via terrestre a mais utilizada³⁴;

- Para- hoteleiro, porque compreende alojamento em campismo, residências de familiares, amigos, aluguer, aldeia de férias, etc.

4.2 Dimensões

Tendo em conta algumas perspectivas em que se pode analisar a actividade, mormente as dimensões económica, sociológica- cultural, e meio ambiente e ecológico, o turismo praticado em Inhassoro pode ser entendido das mais variadas formas.

³⁴ As únicas pessoas que vêm de via aérea escalam primeiro Vilankulo, seguindo depois de carro para Inhassoro.



Sob ponto de vista económico, e partindo-se do posicionamento da maior parte dos entrevistados, pode se aferir que os turistas não estão totalmente satisfeitos porque em Inhassoro faltam infra-estruturas básicas tais como rede telefónica ³⁵, bombas de combustível, bancos, aeródromo, locais de comercialização de produtos turísticos, de animação e diversão, saneamento básico, água canalizada³⁶.

Por outro lado, as mulheres já não se dedicam exclusivamente à esfera doméstica uma vez que entram para o mercado de emprego o que pode propiciar a mudanças nos processos de decisão a vários níveis.

No que diz respeito aos aspectos culturais, Baptista (1997:390), sustenta que *“os contactos que os turistas realizam com a comunidade local trazem modificações na estrutura sócio-cultural de um determinado país que podem ser positivos e negativos, variando de país para país conforme as reacções de naturais, podendo traduzir-se numa adopção completa de cultura dos turistas ou não”*.

Para certos entrevistados, a maior parte das pessoas veste-se como os turistas havendo mudanças culturais e comportamentos imitativos só que mesmo assim certos elementos mantêm-se intactos como os rituais, religião e a cerimónia de “kupahla”, que consiste na veneração aos antepassados para pedir algo de bom, como chuva, boa colheita, ou na reabertura do período da pesca depois do defeso. Para este último caso a cerimónia é dirigida por um ancião da família Vilankulo ³⁷ tida como a “dona” da zona. Ao nível familiar existem hierarquias para a realização de certas cerimónias.

Sob ponto de vista do meio ambiente e ecológico, a sua conservação é deficiente embora haja esforço da parte de certas pessoas da comunidade em manter esse ambiente mais natural. A título elucidativo, na tentativa de diminuir os efeitos negativos sobre o meio, a comunidade decidiu plantar algumas árvores ao longo da orla marítima, como acácias mas

³⁵ Já entrou em funcionamento o sistema de telefonia móvel e a rede fixa.

³⁶ O sistema de abastecimento de água na sede distrital é feito através de poços de céu aberto ou furos privativos, não há sistema de abastecimento de água canalizada.

³⁷ Carlos Jequecene, residente em Inhassoro, excertos de entrevista realizada no dia 9/5/2003

nota-se a aceleração de erosão devido aos caminhos que são abertos por alguns residentes quando saem das suas casas para praia e vice-versa.

No aspecto social pode se equacionar a atracção turística tendo em conta outros elementos, dado o facto de a imagem de um destino turístico corresponder igualmente à representação que o consumidor tem do seu local de destino, quer dizer através de panfletos, documentais e revistas ou ainda com base em expectativas pessoais. No caso de Inhassoro, contrariamente a algumas zonas fronteiriças tais com Namaacha, onde funciona o BIT³⁸ e noutras áreas como Ressano- Garcia, Ilha de Moçambique, Vilankulo e Município da Maxixe, onde se está em perspectiva a abertura de mais balcões, o distrito de Inhassoro ainda não está contemplado. O objectivo desses balcões é de permitir que os turistas ao escalarem a fronteira ou esses locais tenham acesso a informação sobre a localização das principais atracções e outros dados importantes relativos ao sector.

³⁸ Este balcão foi aberto na segunda quinzena de Dezembro de 2002, pelo FNT.

CAPÍTULO V

Conclusões Preliminares

Este estudo sobre o impacto social do turismo nas comunidades, longe de constituir um trabalho acabado, procura fornecer elementos para futuras investigações atendendo à natureza deste objecto de estudo o qual deve ser analisado tendo sempre presente o seu lado dinâmico.

Porém, no tocante as hipóteses inicialmente enunciadas estas acabam, de alguma maneira, por ser confirmadas, porque ficou demonstrado, em face das entrevistas realizadas, que as atitudes e as percepções sociais dos actores sociais que intervêm directa e/ ou indirectamente na actividade, têm relevância no tipo de relações que se cristalizam e na atractividade dos turistas. Assim, no tocante a estes, quando apresentam atitudes “pouco abonatórias” a comunidade também se mostra pouco receptiva o que concorre negativamente para o surgimento de conflitos. Mas os conflitos não ocorrem apenas entre os residentes e turistas, existem situações conflituosas entre os líderes comunitários e a comunidade. Esses conflitos quer sejam latentes ou manifestos ainda carecem de aprofundamento.

É ponto assente afirmarmos que em Inhassoro ainda não foram realizados estudos sistemáticos sobre o impacto social do turismo para a comunidade o que nos torna difícil discernir as formas, processos e moldes de turismo que contribuam directamente para o desenvolvimento local, mas podemos dizer, em função das constatações feitas no local, que com o turismo surgem novas dinâmicas sociais e outro ímpeto no crescimento da região.

Outras ilações que tiramos, embora preliminares, são de que alguns residentes locais pensam que os turistas agem, nalguns casos, de forma incorrecta porque são brancos, explicando o facto de se supor que desrespeitam os naturais partindo da diferença em termos de raça. Em contrapartida alguns turistas igualmente continuam imbuídos de

preconceitos ao atribuírem aos locais em função das suas práticas, certas representações como o facto de considerarem a comunidade como não possuindo "cultura turística". Neste caso concreto, o relativismo cultural não é levado em consideração pois, este reconhece os valores estabelecidos em qualquer sociedade acentuando a dignidade inerente a qualquer desses sistemas de valores e a necessidade de tolerância em relação a eles, embora possam diferir dos que adoptamos e pelos quais nos conduzimos.

No tocante ao envolvimento da comunidade, o mesmo não é efectivo porque nem sempre ela participa na identificação de áreas que merecem prioridade nos investimentos sociais que são realizados no distrito tendo em conta o facto de os residentes terem as suas próprias lógicas e necessidades prioritárias que nem sempre se harmonizam com a dos investidores.

Outrossim, o turismo não está a ser desenvolvido num contexto em que se procura compreender e respeitar os hábitos, as práticas e a cultura das pessoas de Inhassoro de acordo com a especificidade cultural dessa região geográfica sem que tal signifique a submissão ou imposição aos hábitos ou práticas de outros.

A investigação realizada e as respostas dos turistas permitiram-nos ver ainda, a presença em Inhassoro, dos 3 tipos de benefícios que eles perseguem, mencionados no decorrer deste trabalho, designadamente, funcionais, simbólicos e vivenciais, contrariando o posicionamento da maior parte dos outros actores sociais que atribuem, à maximização de ganhos, os motivos que ditam a ida de turistas àquela parcela do país. Esta questão requer um estudo mais aprofundado.

Segundo os dados que mencionamos ao longo do trabalho, a pesquisa permitiu-nos constatar a existência de uma relação entre as percepções individuais (nível micro) e as regulamentações normativas que regem a actividade (nível macro), notando-se a presença de uma prática discursiva. Esta prática manifesta na forma como se relacionam os actores sociais intervenientes na actividade, na forma como eles encaram o turismo e as normas que o regem. Ficou evidenciado que os indivíduos mostram-se preocupados quando o turismo não é realizado em conformidade com as regulamentações estabelecidas.

Bibliografia Consultada

ANDRADE, Ximena *et al* (1998), *Famílias em Contexto de Mudanças em Moçambique*, Departamento de Estudos da Mulher e Género, CEA, Maputo

ASCHER, François (1985), *Turismo transnational*, Paris

BAPTISTA, Mário (1997), *Turismo- competitividade sustentável*, Editora Verbo, Lisboa S. Paulo

BAPTISTA, Mário (1990), *O Turismo na Economia- Uma abordagem Técnica, Económica, Social e Cultural*, Edição Instituto Nacional de Formação Turística, Lisboa

BARETJE, René (1972), *Aspects Économiques du Tourisme*, Edição Ber-Uvrault, Paris

BOCK, Ana *et al* (1989), *O Conhecimento no Cotidiano- As representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social*, Editora Brasiliense.

BRITO, Luís (1996), *Métodos e Técnicas das Ciências Sociais, programa da Cadeira*, UFICS

COULON, Alain (1995), *Etnometodologia e Educação*, Editora Vozes, Brasil

CUNHA, Licínio (1997), *Economia e Política do Turismo*. Editora McGRAW-Hill, Portugal

DEFLEUR, Melvin L. E ROKEACH, Sandra Ball(1933), *Teorias de Comunicação de Massa*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

DSEC (1996), *Estatística do Turismo*. Macau

CUMBE, Edite Maria (2004), *Cultura de Gestão de Lixo- Políticas, Percepções e Práticas*, O caso do Bairro Central, Dissertação, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, UEM

FABRE, Pierre (s.d.). *Tourism International et Projects Touristiques dan les Pay en Development*

FELICIANO, José Fialho(1998), *Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique*, Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo

FERREIRA, JM Carvalho et al (1996), *Psicologia das Organizações*, Editora McGRAW-HILL, Lisboa, Portugal

FERREIRA, JM et al (1995), *Sociologia*, Editora Mc Graw-Hill de Portugal

FORTURE II (1995), *Gestão da empresa Turística*, projecto financiado pela comissão europeia, Bruxelas (módulo).

FORJAZ, José (1984), *Problemática do Turismo na RPM*, Secretaria do Estado do Planeamento Físico.

GRANGE, Neil e ODENDAAL, François (2001), *Directivas para a Avaliação Ambiental do Turismo Costeiro*, Maputo

GEERTZ, Clifford (1989), *A interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Guanabara Kooengan

JUNOD, Henri (1996), *Usos e Costumes Bantu*. Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo

LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo César. (2000), *Turismo- Teoria e Prática*, Editora Atlas, São Paulo

LIMA, Augusto Mesquitela et al (1987), *Introdução à Antropologia*. Edição Presença, Lisboa

LOURENÇO, Orlando (1992), *Psicologia do Desenvolvimento Moral- Teoria, dados e Implicações*, Editora Livraria Amedina, Coimbra

MARTIN, William B (s.d), *Qualidade no Serviço ao Cliente*, Edições Monitor, Lisboa

- MEILLASSOUX C. (1977), *Mulheres, celeiros e capitais*, Porto, Afrontamento
- NETO, Augusto e GARCIA, Sebastião (1987), *Desenvolvimento Comunitário- Princípios para a Acção*, Bloch Editores, SA, Brasil
- ORAM (1998), *Plano de Acompanhamento do Processo de Avaliação e Alienação de Empresas estatais*, Maputo
- PRICE, Sally (2000), *Arte Primitiva em Centros Civilizados*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro
- RIBEIRO, Sérgio (1988), *Recursos Humanos e Estratégias de Desenvolvimento*, Editora Caminho, Lisboa,
- RUBINSTEIN, SL.(1972), *Princípios de Psicologia Geral*, 3ª edição, Editora Estampa, Lda, Lisboa
- SANTOS, B de Sousa et al (1996), *Os Tribunais nas Sociedades Contemporâneas: O caso Português- Porto*. Edições Afrontamento.
- SHAW, Gareth (1998), *Turismo Economia-europal*, co-edição
- SILVA, Manuel (1992), *Manual de Bar*
- SOUSA, Maria Cecília et al (1994), *Pesquisa Social- Teoria, Método e Criatividade*, Petropolis, Brasil
- YEUNG, Y.M. e McGee, T.G (1989), *Participacion Comunitaria en la Prestacion de Servicijs Urbanos en Asia*, Centro Internacional Investigaciones para el Desarrollo Oficina Regional para America Latina e Caribre, Ottawa
- WAGNER, John. A. e HOLLENBECK, John R.(1999), *Comportamento Organizacional- Vantagem Competitiva*. Editora Saraiva, São Paulo
- WILKINSON, Richard G. (1973), *Pobreza e Progresso*, Editores Zahar, Rio de Janeiro
- WILLIAMS, Allan (1998), *Tourism and Economic Development Eupean experiences*, Chi Chester, 3ª edição

WOLF, E (1976), *Sociedades Camponesas*, Rio de Janeiro, Zahar Editores

Relatórios

ACNUR & PNUD (1997), *Perfis de desenvolvimento distrital- distrito de Inhassoro*, Maputo

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA de EMPRESAS do ULTRAMAR (1973), *Angola e Moçambique- desenvolvimento económico e social*, Factos e Números

DEPARTAMENTO de TURISMO (1976), *Moçambique- informações gerais*

DIRECÇÃO dos SERVIÇOS de PLANEAMENTO e INTEGRAÇÃO ECONÓMICA (s.d.). *Moçambique (Estado Português)- IV Plano de Fomento, 1974-1975*

DIRECÇÃO dos SERVIÇOS de PLANEAMENTO e INTEGRAÇÃO ECONÓMICA (1973), *Moçambique em Números, IV Plano de Fomento*

DIRECÇÃO NACIONAL do TURISMO (1998), *Desenvolvimento Turístico em Moçambique*, Planos directores

Jornais

Jornal Savana, Edição número 7 de 4/3/94, pg.3.

Jornal Savana , Edição número 8 de 11/3/94, pg5

Jornal Savana, Edição número 216 de 6/3/98, pg.3

Jornal Savana, Edição número 264 de 5/2/99, pg.13

Jornal Savana, Edição número 365 de 5/1/2001, pg. 28 e 29

Jornal Savana, Edição número 385 de 25/5/ 2001, pg.5

Jornal Savana, Edição número 496 de 11/7/2003, pg.16

Anexos

Lista das pessoas entrevistadas

Alpane Mananasse Zivane- pescador e chefe de equipa

António Magalhães Muvala- operador turístico e líder comunitário

António Thai- residente

Carlos Jequecene- residente

Fátima Vilanculo- residente

Georg Mike- turista zimbabweano

Helena Respeito- residente

José Gadiwane- residente

José Enganado- residente

Joseph Blanchard- turista zimbabweano

Júlia Muriane- residente

Júlio Manhice- residente

Larry Becker- turistas sul- africana

Laura Almeida- residente

Laura Massingue- residente

Lucas Guimarães- director distrital da Agricultura e Desenvolvimento Rural

Maria Nguluve- residente

Michaela Cosijn- pesquisadora social da Sasol (sul- africana)

Michael Young- turista sul- africano

Paul Dutton- ecologista

Paulo Jamisse- administrador de Inhassoro

Richard Smith- turista zimbabweano

Rui Nhantumbo- operador turístico e ecologista

Vitoriano Jorge Cabrita- operador turístico e presidente da comissão de co-gestão

Xavier Mavonho- médico tradicional



MABOTE

G O V U R O

V I L A N K U L O

Cometela

Nhupite

Maimelane

Mucunhu

Inhassoro

BAZARUTO

CANAL DE MOÇAMBIQUE

CANAL DE MOÇAMBIQUE

RIOS Rivers

LEGENDA Legend

- ⊙ SEDE DE DISTRITO *District Capital*
- ⊕ SEDE DE POSTO *Admin. Post Headquarters*
- ⊙ POVOAÇÃO COMERCIAL *Trading Centre*
- LIMITE DE PROVÍNCIA *Provincial Boundary*
- LIMITE DE DISTRITO *District Boundary*
- LIMITE DE POSTO *Admin. Post Boundary*
- ✈ PISTA DE ATERRAGEM *Landing Strip*
- CAMINHO DE FERRO *Railway*
- ESTRADAS PRINCIPAIS *Main Roads*
- OUTRAS ESTRADAS *Other Roads*

Fontes Sources
 DINAGECA DINAGECA
 ESCALA 1/500.000 Scale 1/500.000
 EDIÇÃO 1997 Edition 1997

